



A Expressão Opinativa das Revistas Brasileiras¹

Tatiana Reckziegel RODRIGUES²

Janine Passini LUCHT³

Roberta SARTORI⁴

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este artigo analisa as reportagens “A REBELIÃO DOS MIMADOS” (respeitando a grafia em letras maiúsculas utilizada) –da revista *Veja*, publicada no dia 9 de novembro de 2011–, e “Louvor ao prende e arrebenta” –da revista *Carta Capital*, publicada no dia 16 de novembro de 2011. Os textos jornalísticos tratam dos protestos ocorridos no mês de novembro, em que os estudantes da USP manifestaram-se a respeito da presença da Polícia Militar de São Paulo no campus da universidade. À luz dos filtros ideológicos, conceituados por Marques de Melo (2003), o estudo pretende descobrir que caráter possuem essas reportagens. Tendo em vista as expressões e os recursos empregados nas matérias jornalísticas, foi identificada a preponderância de aspectos do gênero opinativo nesses textos que se intitulam pertencentes ao gênero informativo.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros e Formatos Jornalísticos; Gênero Informativo; Gênero Opinativo; *Veja*; *Carta Capital*.

INTRODUÇÃO

Até pouco tempo, grande parte do material teórico produzido a respeito do jornalismo destrinchava sua relação com a imparcialidade e com a objetividade. Artigos, livros e teorias fomentavam as discussões a respeito da tão controversa isenção. Autores como Luiz Amaral (1996), Clóvis de Barros Filho (2001) e Sylvia Moretzsohn (2002) exploraram essas temáticas em seus estudos. Contudo, a opinião se faz cada vez mais presente nos textos jornalísticos. Esse processo, mesmo que ainda seja objeto de debate, permeia as mídias, fazendo parte de nossa realidade. A imparcialidade é um assunto de grande complexidade que envolve diversos âmbitos, entre eles os filtros pelos quais a informação passa até atingir o público.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da ESPM-Sul, email: tatirr@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da ESPM-Sul, email: janine@espm.br

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da ESPM-Sul, email: rsartori@espm.br



É sabido que o uso de cada palavra está carregado de significados em um texto e que cada evidência apresentada foi selecionada em detrimento de outra. Segundo Fiorin (2002), a linguagem, enquanto instrumento de comunicação verbal e não-verbal não existe desvinculada de uma visão de mundo e uma formação ideológica. Para Platão e Fiorin (1999), qualquer texto possui informações que são transmitidas explicitamente e implicitamente, estão pressupostas ou subentendidas através dos termos que são empregados na construção textual. Sendo linguagem e ideologia indissociáveis também para Orlandi (1994, p.54), pois “não há discurso sem sujeito nem sujeito sem ideologia”.

O jornalista realiza essas escolhas todos os dias quando prepara uma matéria. Conforme Lage (2001), é papel do repórter ser a ponte entre o público e a informação, uma vez que esse jornalista está onde o leitor não pode estar. Ele está autorizado a ser os ouvidos e os olhos do público, selecionar e lhe transmitir o que for interessante. Com essas complexas funções, esse profissional está a serviço do enriquecimento de visões sobre um tema. Impor a sua ideologia ou a do veículo pode vir a ser um instrumento de censura de outro viés do fato. Alguns assuntos acabam por perder sua pluralidade de versões expostas na mídia em função de aspectos opinativos infiltrados nos textos jornalísticos que ocupam, veladamente, o espaço do gênero informativo.

Não se faz, aqui, uma apologia à completa isenção das mídias. O gênero opinativo é de extrema importância para a sociedade e é através dele que a liberdade de opinião tem sua área garantida nos meios de comunicação. No entanto, é necessário que haja uma divisão clara entre os espaços pertencentes a cada gênero e a que função se destinam. Só assim, pode existir uma relação de honestidade com o público que busca essas informações.

Este artigo apresenta as reportagens “Louvor ao prende e arrebenta” publicada na revista *Carta Capital* de 16 de novembro de 2011 e “A Rebelião dos mimados” publicada na *Veja* de 9 de novembro de 2011, ambas tratando do mesmo tema. As matérias se propõem a informar os leitores sobre o caso dos protestos dos estudantes da USP contra a presença da Polícia Militar no campus. Este artigo identifica, através de uma análise de linha editorial, pauta e título, a presença de opinião seja pessoal ou institucional nas duas reportagens.

2 GÊNEROS JORNALÍSTICOS

O ato de classificar os gêneros jornalísticos é de extrema complexidade, visto que quando um material de caráter jornalístico é produzido, quem o concebe não planeja encaixá-lo dentro de uma categoria. Com o intuito de renovar o que se produz, a hibridação dos gêneros torna-se cada vez mais presente. Segundo Marques de Melo (2010), os problemas enfrentados na classificação do gêneros estão relacionados à crise que o jornalismo enfrenta pelo surgimento da sociedade digital.

No entanto, em décadas passadas, muito antes da internet ser idealizada, o problema era outro. De acordo com Medina (1978), os estudiosos da época se perdiam em uma confusão de elementos de análise quando buscavam criar uma nova classificação para o gêneros jornalísticos. Podemos considerar, também, o fator local de pluralidade, tendo em vista que Chaparro (2008), que comparou os gêneros brasileiros com os de Portugal, identificou as formas discursivas da imprensa brasileira como mais diversificadas que as portuguesas.

O grande questionamento que se impõe perante as categorizações distintas de gêneros é: em que parte termina a informação e começa a opinião? É uma linha muito tênue e pouco objetiva que constrói a divisa dessa dicotomia; portanto, esse artigo esforça-se em analisar os estudos mais recentes sobre a área de gêneros jornalísticos, apresentando os elementos que são empregados no gênero informativo, atualmente, mas são elencados como de caráter opinativo pela teoria de Marques de Melo (2003).

2.1 Informativo

Os jornais nasceram muito atrelados ao discurso político, fazendo do opinativo o gênero jornalístico mais antigo e da oposição entre jornalismo opinativo e informativo um dilema que tomou rumos diferentes em cada país. Dentre os gêneros, Marques de Melo (2003) explica que o informativo adquiriu sua maior expressão dentro do jornalismo inglês e o opinativo inserido no jornalismo francês.

Porém, segundo Marques de Melo (2003), os meios de comunicação são aparatos ideológicos que atuam como uma “indústria da consciência”, por influenciar, comover e mobilizar pessoas e grupos. Portanto, a ideia de objetividade jornalística enquanto neutralidade, imparcialidade e assepsia política é recusada. Mas do outro lado, a concepção de que a mensagem jornalística é necessariamente politizante e persuasiva, também não é defendida pelo autor.



De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), a palavra “informativo” significa: “1 que se destina a informar ou a noticiar; 2 publicação periódica em que predomina o caráter informativo; boletim.”, sendo o termo informar caracterizado por:

3 fazer saber ou tomar ciência de; cientificar(-se); 4 dar instrução a; ensinar; 5 ser informativo (para); 6 dar força a; corroborar, apoiar; 7 dar caráter ou essência a. (HOUAISS, 2001, p.1615).

As definições de informativo no dicionário são tão subjetivas quanto as do gênero em si, o que só aumenta a dificuldade de criar um conceito que abranja por completo os formatos informativos e, concomitantemente, exclua os formatos opinativos. Entretanto, de acordo com os significados atribuídos, fica claro o caráter instrutivo do gênero.

A serviço dessa instrução do público, estão nota, notícia, reportagem e entrevista, os formatos pertencentes ao gênero informativo em mídia impressa de acordo com a classificação de Marques de Melo (2003). Considerando que neste artigo trabalharemos com reportagens de revistas, apresentaremos somente esse formato. Marques de Melo (2003) traz o conceito:

A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que já são percebidas pela instituição jornalística (MARQUES DE MELO, 2003, p.66).

O termo “relato”, utilizado pelo autor, é caracterizado como uma expressão jornalística dos acontecimentos. A reportagem apenas reverbera o fato que surge da sociedade em conformidade com o modelo adotado pelo jornalismo. Não cabe a esse formato, portanto, estar em relação de dependência com uma direção ideológica como os formatos abrangidos pelo gênero opinativo.

2.2 Opinativo

Como já foi dito, o jornalismo –entendido como a função de quem produz jornais–, em seu primórdios, apresentava características panfletárias. Os veículos de comunicação da época posicionavam-se claramente perante os temas. O espaço nos jornais era ocupado, em sua maioria, por políticos, que usufruíam desses meios para se promover. Sem se preocupar com o fator credibilidade das informações, esses políticos produziam textos estritamente opinativos em que estava ausente a preocupação com o



caráter instrutivo. Essa noção surge com o jornalismo –entendido como a profissão de quem busca informar seu público– e com o gênero informativo.

No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), o termo “opinativo” tem como significado “1 que está sujeito; que depende de opinião; 2 que não se pode demonstrar, incerto, duvidoso, discutível” (HOUAISS, 2001, p.2071). As definições da palavra enunciam a impossibilidade de comprovar algo que é embasado em opiniões. Assim, um texto com aspectos opinativos é apenas um viés restrito em sua credibilidade pelas incertezas.

Uma direção ideológica ou uma expressão opinativa, como denomina Marques de Melo (2003), não está restrita ao gênero opinativo, esse caráter apenas é apresentado como característica desse gênero para fins de estabelecer um fronteira metodológica e agrupar matérias que possuam natureza semelhante. Alguns recursos específicos do jornalismo, dependendo da maneira como são utilizados, tornam-se instrumentos do gênero opinativo. Esses recursos serão explicados de maneira mais detalhada na seção “A Expressão Opinativa” deste artigo, mas os apresentaremos brevemente agora. Entre eles estão a linha editorial, as pautas e o título. Todos estão presentes em qualquer veículo atual de comunicação; contudo, a linha que delimita o opinativo e o informativo é constituída pela atuação desses instrumentos.

- Uma linha editorial deve se expressar, somente, através do formato de texto editorial do Gênero opinativo, que se designa a isso. Sendo o controle direto dos dirigentes do jornal necessário, apenas, sobre esse tipo de produção.
- As pautas pré-definidas têm a função de, segundo Marques de Melo (2003, p.79), “filtro ideológico no processo de produção jornalística” proporcionando distorções. Esse tipo de fenômeno ocorre, pois a opinião está arraigada à pauta e é emitida antes mesmo da coleta de dados, viesando a informação.
- Por fim, a titulação pode assumir influente aspecto opinativo. Como condena Douglas (1966, apud Marques de Melo 2003), o mais grave defeito que pode apresentar o título é a editorialização. Pois, para ele, a opinião do jornal ou do redator tem espaço definido e deve se restringir ao editorial.

Cada um desses instrumentos, entretanto, é exercido sutilmente de diversas maneiras, sendo uma delas a linguagem. Através dela, a linha editorial é expressa, o enfoque da pauta seleciona o texto e o título adquire aspectos editoriais.

3 A EXPRESSÃO OPINATIVA

Nesta seção, detalharemos os já citados recursos específicos do jornalismo que, como explica Marques de Melo (2003), são filtros, “mecanismos intervenientes no processo de seleção de unidades informativas” (MARQUES DE MELO, p.78). Estão entre eles a linha editorial, a pauta e o título.

A linha editorial, para Marques de Melo (2003), é aplicada na prática pela “seleção da informação a ser divulgada através dos veículos jornalísticos”, sendo esse o “principal instrumento que dispõe a instituição (empresa) para expressar a sua opinião.” (MARQUES DE MELO, 2003, p.75). A ótica do veículo filtra os produtos jornalísticos, selecionando o que é ou não publicável, alocando as matérias que interessam em espaços de destaque e, até, omitindo versões do fato que não convêm à empresa. Segundo Kucinsky (2001), durante a ditadura militar, os jornais buscaram montar um conselho editorial composto por personalidades de prestígio para legitimar a linha editorial do veículo e identificando-o com correntes expressivas de opinião. Uma maneira de trazer credibilidade para o conteúdo publicado; pois, nessa época, a linha editorial, enquanto filtro dos fatos, muitas vezes era exercida por órgãos censuradores externos ao jornal.

De acordo com a visão de Amaral (1996), a pauta é uma previsão dos acontecimentos que se desenrolarão no dia seguinte. Esse roteiro que pré-seleciona as informações a serem publicadas é contribuição do jornalismo norte-americano. A partir de Marques de Melo (2003), podemos entender a pauta como “uma indicação dos ângulos através dos quais os acontecimentos devem ser observados e relatados.” (MARQUES DE MELO, 2003, p.78). Ou seja, um mecanismo aponta uma direção para a apuração das versões do fato. Tendo em vista que a pauta é elaborada, normalmente, através do que publicam os jornais, os meios de comunicação estão sujeitos a tornarem-se uns repetidores dos outros.

Como último aspecto selecionado para a análise neste artigo, temos o título. No processo de titulação, o jornalismo já assumiu um caráter muito mais publicitário que informativo. O título, que nasce apenas como um indicador ao leitor da temática do texto, só passa a propagandear o texto com o surgimento da linha jornalística americana e a concepção do jornalismo enquanto indústria de notícias. Para Marques de Melo (2003), os títulos podem se enquadrar ou no tipo que emite claramente um ponto de vista, ou no tipo que dissimula o conteúdo ideológico. Declaração essa, que sinaliza o

repúdio de Marques de Melo pela suposta imparcialidade que os veículos procuram aparentar.

4 ANÁLISES

À luz da teoria de Marques de Melo (2003) sobre os filtros ideológicos utilizados no jornalismo –e explicados na seção “A Expressão Opinitiva”–, este artigo analisa duas reportagens. Uma, intitulada “Louvor ao prende e arrebenta” publicada na edição de 16 de novembro de 2011 da revista *Carta Capital* com a autoria de Clara Roman. Outra, com o título de “A Rebelião dos mimados” publicada na edição de 9 de novembro de 2011 da revista *Veja* e assinada por Marcelo Sperandio.

Ambas as reportagens abordam a temática dos protestos realizados durante o mês de novembro de 2011 pelos estudantes da USP. Os alunos se manifestaram contra a presença da PM como vigia do campus da universidade e foram assunto de debates em todos os tipos de mídia. Com destaque para as revistas, que trabalharam de maneira mais aprofundada a temática.

4.1 Análise da Reportagem 1 (*Revista Carta Capital*)

O título escolhido pela revista foi “Louvor ao prende e arrebenta”. O posicionamento do veículo já fica estabelecido nesse enunciado, a partir da escolha de “prende e arrebenta”. Os verbos indicam a atitude da polícia em relação aos estudantes e fazem uma alusão à expressão utilizada na ditadura pelo então presidente João Figueiredo, aproximando, assim, os dois eventos em significado. Já o termo “louvor” expressa uma crítica à repercussão dada por outras mídias para a temática, tornando o título passível da classificação como editorializado.

Na sequência, a linha de apoio “Os estudantes podem ter cometido um erro político, mas nada justifica a truculência policial”. Aqui, o recurso opinativo utilizado foi o caráter de incerteza aplicado ao “erro político” –expressão que, ao longo do texto, descobrimos ser de um dos entrevistados que se posiciona a favor dos estudantes da USP–, em contraponto ao caráter de certeza na oposição “mas nada justifica”. Começam a surgir os primeiros sinais do posicionamento da linha editorial do veículo.

Em destaque, está a frase de um entrevistado que apoia a manifestação dos alunos. “Isso tudo não teria acontecido se na universidade houvesse um debate democrático” é a declaração de Vladimir Safatle, professor da USP, que evidencia a

escolha feita em concordância com a linha editorial da *Carta Capital*. A seleção das fotografias para ilustrar a reportagem são assunto para um artigo à parte que dê conta das significâncias dos retratos; porém, a legenda “Reação. Após a retirada dos manifestantes instalados na reitoria, os estudantes convocaram uma greve” deixa evidente, com a escolha por “Reação” e “instalados”, tanto um aspecto reativo na ocupação –como opta utilizar a revista–, quanto uma conotação pacífica pela instalação.

Abrindo o texto está o parágrafo seguinte:

Diogo Vargas tinha acabado de tomar um café na copa da reitoria da Universidade de São Paulo quando foi avisado de que a Tropa de Choque da Polícia Militar havia chegado. O estudante de Comunicação Social mal teve tempo de entender o que ocorria: viu pela janela centenas de policiais à espreita. Enquanto corria, tentava avisar os colegas da ocupação, sem sucesso. Em pouco tempo, todos estavam encurralados pela PM em uma escada de incêndio do prédio.

O que se pode perceber é uma definida separação de papéis, sendo os estudantes descritos em posição de inofensividade, como a situação de estar tomando um café com tranquilidade e ser abruptamente surpreendido. Em contrapartida, a PM –que no título é tratada como truculenta– tem os pontos ardilosos reforçados por ter encurralado os estudantes e estar “à espreita”.

A faceta política do conflito é, por diversas vezes, ressaltada e, provavelmente, foi componente destacado na hora da descrição dessa pauta, tendo em vista que esse é o foco diferencial da reportagem. O caráter político é enunciado através das expressões “rebuliço político” e “erro político” utilizadas ao longo do texto. Enquanto a maconha, assunto tão em voga nas outras mídias, só é debatido na última coluna da última página da reportagem. Uma decisão editorial que faz diferença, apesar de parecer indiferente.

No trecho que é antecedido pelas palavras do professor da USP e filósofo Vladimir Safatle, “O filósofo desmistifica o argumento de que os alunos são compostos de pessoas de alta renda. ‘Aluno de classe rica não tenho quase nenhum.’, diz.”, podemos observar dois aspectos interessantes. Além da revista assumir um posicionamento a respeito da fala do professor –declarando como já desmistificado o argumento–, a fala selecionada pela jornalista é uma resposta clara a reportagem da revista *Veja*, publicada uma semana antes, que explorou o viés da riqueza dos alunos que protestavam na reitoria.

Somente na terceira página da reportagem da *Carta Capital*, há a declaração de Álvaro Batista Camilo, comandante-geral da Polícia Militar, alguém que fala em nome da polícia e se posiciona em oposição aos argumentos até então enfatizados no texto. A segunda frase em destaque na reportagem é “Alunos reclamam da abordagem policial. Os mais assediados são os de sempre: negros e pobres.”, o que faz contabilizar os dois trechos com espaço privilegiado na matéria como mostrando o lado dos estudantes. Além disso, os dois principais entrevistados, Vladimir Safatle e Jorge Luiz Souto Maior, são professores da universidade e apoiavam a faceta política defendida pelos estudantes durante o conflito.

4.2 Análise da Reportagem 2 (*Revista Veja*)

Enquanto na reportagem da revista *Veja*, o título escolhido foi “A REBELIÃO DOS MIMADOS” (respeitando a grafia em letras maiúsculas utilizada). Através dessa seleção de título e, particularmente, do adjetivo substantivado “mimados” para definir os estudantes, podemos notar o viés adotado de ataque pessoal a esses adeptos do protesto, a editorialização do título e a posição de uma linha editorial oposta a da *Carta Capital*.

Logo abaixo, “Com roupas de grife e donos de carros caros, estudantes depredam a USP porque querem fumar maconha sem ser incomodados”. A linha de apoio destaca fatores irrelevantes como argumentação para desmoralizar os autores das manifestações e utiliza ironia ao dizer que a razão de tudo é “porque querem fumar maconha sem ser incomodados”.

As fotografias da *Veja* revelam um lado totalmente diferente do apresentado pela *Carta Capital*. Para descrever as fotos, a legenda:

ESCÁRNIO E ‘MARESIÁ’- O rapaz ao lado ri em frente à reitoria da USP, que ele invadiu e destruiu. Os maconheiros gastam com marcas americanas e italianas, mas é o contribuinte que pagará a conta do vandalismo deles. Abaixo, a razão da pirraça: querem a PM fora do campus, para consumir baseados.

Na parte “que ele invadiu e destruiu”, a revista utiliza-se de verbos enfáticos para descrever a depredação da reitoria e particulariza a autoria da ação para o rapaz da foto, com o fim de emprestar esse rosto descontraído e que sorri para simbolizar os estudantes. O uso de “os maconheiros” e a insistência em tratar das roupas que usam os rapazes da foto é apelativo. Mais um toque opinativo dado à legenda fica por conta da

expressão “pirraça” que inicia a estratégia, que se desenvolve ao longo do texto, de utilizar termos infantilizadores para fins de ironizar a figura dos estudantes.

O enfoque da pauta estabelecido na *Veja* foi um ataque desmoralizante aos estudantes que estavam na reitoria. Como exemplo, parte do primeiro parágrafo, o mais importante que se concentra no lide:

Ele usa um moletom da grife americana GAP, óculos de 500 reais da italiana Ray Ban e exibe um sorriso de quem está com a vida ganha. Na imagem acima, o ‘rebelde’ esparramado na cadeira é o retrato fiel do grupo de estudantes que, às 23h55 da última terça-feira, invadiu a reitoria da Universidade de São Paulo (USP).

O retrato de uma pessoa é generalizado ao descrevê-lo como “retrato fiel do grupo de estudantes”. A utilização de expressão invasão é oposta à escolha da *Carta Capital* por ocupação, delimitando a diferença entre as linhas editoriais adotadas pelas revistas. O trecho que exemplifica uma defasagem de critério jornalístico, pois muitos dados são, praticamente, uma licença poética do jornalista que redigiu a matéria, é:

Em apenas um dia entre os manifestantes, VEJA constatou que vários deles são filhinhos de papai que circulam em carros cujo preço supera 50000 reais. Entre os ‘rebeldes’ que saíram da reitoria ocupada para tomar banho, trocar de roupa e comer um prato quentinho em casa (revolução tem limite), um assumiu a direção de um Polo Sedan e outro embarcou em seu Kia Soul.

O desvio de foco dos outros assuntos que estão sendo reivindicados fica evidente nesta definição da totalidade das razões do protesto: “Tudo porque eles querem –mas, coitadinhos, a lei não deixa– que o campus da Universidade de São Paulo não seja mais policiado pela PM e se torne um território livre para fumar maconha.” Além desse aspecto, um comentário direto do jornalista é feito em “mas, coitadinhos, a lei não deixa”.

Na sequência, aparece o depoimento da mãe do rapaz morto em um assalto na USP. Zélia de Paiva é uma escolha da linha editorial de *Veja* para apelar ao lado emotivo através das palavras de uma mãe que perdeu seu filho. Essa é uma das duas declarações que constam no texto, sendo a outra uma fala de um estudante que acaba por ridicularizá-lo: “VEJA gravou um desses mauricinhos falando o seguinte: ‘A PM não vê quem fuma, ela procura. Se a questão é segurança, por que procurar maconheiro, gente?’”



A infantilização –expressa em termos como “o estiloso garoto mimado”, “como crianças que não aceitam ser contrariadas”, “a bagunça e a pirraça”, “cinquenta birrentos”, “coitadinhos”– segue até a última linha. Encerrando a reportagem com um irônico, mas sem caráter instrutivo, “Esse menino precisa de castigo, papai.”, reafirmando a opção editorial por atrelar o aspecto infantil aos protestantes, que algumas vezes são retratados como vândalos, maconheiros e agressivos, e outras, como crianças abonadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudarmos as classificações dos gêneros jornalísticos no Brasil, nos deparamos com poucas publicações atuais que se arriscam em tentar traçar um panorama do que é produzido em nosso país. Por essa razão, pode existir tanto descompasso entre o que consumimos através dos meios de comunicação e o que lemos nas teorias desenvolvidas a respeito disso.

Dentro dos gêneros existem, ainda, seus formatos específicos, o que limita a compreensão do material jornalístico existente nessas categorias. A reportagem, como foi analisada neste artigo, é um formato do gênero informativo. Entretanto, pudemos perceber que, pelo processo de filtro das informações e alocação estratégica dessas, uma reportagem é capaz de comportar características do gênero opinativo, mesmo não pertencendo a essa classe.

Este artigo identifica, através da análise das escolhas textuais e de material apurado realizada, a presença de opinião seja pessoal ou institucional nas matérias jornalísticas. Fatores que aproximam as reportagens de hoje, cada vez mais, do gênero opinativo. Pois as duas revistas estudadas, apesar de possuírem posicionamentos opostos, recaem sobre o mesmo erro, recheiar o espaço que declaram como informativo priorizando o seu viés.

Seja qual for a orientação ideológica dos meios de comunicação ou gênero jornalístico caracterizado em seu texto, o papel do jornalista não se adapta, nem se transforma. Ser fiel com a realidade ao relatar os fatos, selecionar o conteúdo que será utilizado ou determinar o destaque que um material terá é, invariavelmente, a função do profissional ético dessa área.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre, RS: Sagra-Luzzatto, 1996.
- ASSIS, Francisco de; MARQUES DE MELO, José. (Org.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na comunicação: da informação ao receptor**. São Paulo: Moderna, 2001.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 2002.
- FIORIN, José Luiz; PLATÃO, Francisco. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1999.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KUCINSKY, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários, nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Edusp, 2001.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.
- MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1978.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real: o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.
- ORLANDI, Eni. Discurso, imaginário social e conhecimento **Revista Em Aberto**, Brasília, n.61, p.53-59, jan./mar. 1994.
- VEJA**. São Paulo: Ed. Abril, n. 45, 9 nov. 2011.
- CARTA CAPITAL**. São Paulo: Ed. Confiança, n. 672, 16 nov. 2011.